

**PODER E CONFLITO NAS POLÍTICAS DE INFRAESTRUTURA
ENERGÉTICA: análise dos textos de comunicação produzidos no planejamento
de hidrelétricas no Oeste do Pará**

Larissa Carreira

Doutoranda em Desenvolvimento Socioambiental e Mestra em Planejamento do Desenvolvimento pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSU) do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará – NAEA/UFPA.
larissacarreirac@gmail.com

RESUMO

Esse trabalho realiza uma análise da comunicação do planejamento do Complexo Hidrelétrico do Tapajós, considerando as relações de poder entre os agentes do campo da produção de energia hidrelétrica na Amazônia, por meio da análise dos textos produzidos e veiculados pelo Grupo de Estudos Tapajós, durante a fase de estudos de impacto ambiental e viabilidade econômica das usinas de São Luiz do Tapajós e Jatobá, sendo as primeiras barragens planejadas para o Rio Tapajós, localizado no Oeste do Pará, de um conjunto de cinco hidrelétricas previstas para a região. Pela primeira vez foi criado um projeto de comunicação sobre os projetos hidrelétricos durante a fase dos estudos, anterior ao licenciamento, revelando uma nova abordagem no embate em defesa dos interesses dos grandes agentes econômicos dentro dos processos de planejamento de construção de barragens. A partir do corpus coletado das publicações realizadas nos anos de 2013 e 2014 no Site e no Blog do projeto 'Diálogo Tapajós', juntamente com demais materiais de comunicação produzidos por movimentos sociais da região, identificamos um campo de tensão e disputa permanente entre os grupos de agentes que de um lado defendem um modelo de desenvolvimento econômico, buscando a legitimação do discurso da energia limpa e do desenvolvimento sustentável, e de outro grupos que defendem a preservação ambiental com manutenção da biodiversidade Amazônica e do modo de vida das populações impactadas diretamente por estes grandes projetos.

Palavras-chave: Hidrelétricas; Tapajós; Conflito; Poder; Comunicação.

**POWER AND CONFLICT IN ENERGY INFRASTRUCTURE
POLICY: analysis of communication texts produced in the planning of
hydropower in Western Pará**

ABSTRACT

This work carries out an analysis of the communication of the projection of the Hydroelectric Complex of the Tapajós, considering the relations of power between the agents of the field of the production of hydroelectric energy in the Amazon region, through the analysis of the texts produced and conveyed by the Group of Studies Tapajós, during the phase of studies of environmental impact and economical viability of the factories of Saint Luiz of the Tapajós and Jatobá, being the first dams planned for the Rio Tapajós, located in the West of the Pará, of a set of five hydroelectric predicted for the region. For the first time a communication project was

**Poder e conflito nas políticas de infraestrutura energética:
análise dos textos de comunicação produzidos no planejamento de hidrelétricas no Oeste do Pará**
Larissa Carreira da Cunha

created on the hydroelectric projects during the phase of the studies, previous to a licenciamento, revealing a new approach in the crash in defense of the interests of the great economical agents inside the processes of projection of construction of dams. From the collected corpus of the publications carried out in the years of 2013 and 2014 in the Site and in the Blog of the project 'Dialog Tapajós', together with too many materials of communication produced by social movements of the region, we identify a field of tension and constant argument between the groups of agents who from a side defend a model of economical development, looking for the legitimation of the speech of the clean energy and of the sustainable development, and of other groups that defend the environmental preservation with maintenance of the Amazonian biodiversidade and of the way of life of the populations impactadas straightly for these great projects.

Keywords: Hydropower; Tapajos; Conflict; Power; Communication.

PODER Y CONFLICTO EN LA POLÍTICA DE INFRAESTRUCTURA DE ENERGÍA: análisis de textos de comunicación producidos en la planificación de la energía hidroeléctrica en el Oeste de Pará

RESUMEN

En este trabajo se hace un análisis de la comunicación planificar complejo hidroeléctrico del Tapajós, teniendo en cuenta las relaciones de poder entre los agentes del campo de la producción de energía hidroeléctrica en el Amazonas, a través del análisis de textos elaborados y difundidos por el Grupo de Estudio Tapajós durante la fase de estudios de impacto ambiental y la viabilidad económica de las plantas de Sao Luiz do Tapajós y Jatobá, con las primeras presas proyectadas sobre el río Tapajós, que se encuentra en el oeste de Pará, un conjunto de cinco represas planificadas para la región. Por primera vez se creó un proyecto de comunicación en proyectos hidroeléctricos durante la fase de estudios previos a la concesión de licencias, revelando un nuevo enfoque en la lucha por defender los intereses de los principales actores económicos dentro de los procesos de planificación de la construcción de la presa. Desde el corpus recogido de publicaciones realizadas en los años 2013 y 2014 en el sitio y blog "Tapajós diálogo "del proyecto, junto con otros materiales de comunicación producidos por los movimientos sociales de la región, hemos identificado un campo de tensión y disputa entre los grupos agentes de un lado defienden un modelo de desarrollo económico, tratando de legitimar el discurso de la energía limpia y el desarrollo sostenible, y otros grupos que defienden la preservación ambiental con el mantenimiento de la biodiversidad amazónica y los medios de vida de las personas directamente afectadas por las estos grandes proyectos.

Palabras clave: Energía Hidroeléctrica; Tapajós; Conflicto; Potencia; Comunicación.

INTRODUÇÃO¹

A intervenção na Amazônia com base na visão das elites das décadas de 50 e 60, com o imaginário de vazio demográfico e recursos inesgotáveis, convergia para a execução dos projetos de desenvolvimento da época como a construção de Brasília e a abertura da

¹ Este artigo é um desdobramento do trabalho apresentado no 17º Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia – SBS. Foi feita uma ampliação e supressão de tópicos.

**Poder e conflito nas políticas de infraestrutura energética:
análise dos textos de comunicação produzidos no planejamento de hidrelétricas no Oeste do Pará**
Larissa Carreira da Cunha

rodovia Belém-Brasília, que iniciaram a integração da região à economia regional (CASTRO, 2005).

A configuração política e econômica da Amazônia, hoje, está vinculada à implementação de políticas públicas executadas pelo Estado brasileiro nas últimas décadas com ações desenvolvimentistas, com intuito de realizar a integração da região ao contexto nacional e também ao internacional. No entanto, a presença do Estado na região Amazônica, para o estabelecimento de projetos e estratégias que visam o crescimento econômico do país, não se materializa em melhoria da qualidade de vida para a maioria das populações locais.

As estratégias de intervenção na Amazônia objetivavam a integração ao mercado nacional por meio da abertura de estradas, colonização e políticas de incentivo fiscais, a exemplo dos anos oitenta, nos quais os investimentos foram direcionados ao Programa Grande Carajás e para a construção da hidrelétrica de Tucuruí e Balbina (CASTRO, 2008). A matriz de intervenção do governo Lula, com os mesmo eixos de integração do governo anterior, incentivavam a exportação e o superávit comercial dos setores de minérios, madeira, pecuária, pescado e grãos (Ibid., p. 21). Além dos planos plurianuais (PPA) e do plano de aceleração do crescimento (PAC), essa estratégia de integração também esteve presente no projeto de integração das infraestruturas regionais sul-americanas (IIRSA), com enfoque nos eixos de infraestrutura, transporte e comunicação. A Amazônia passou a ser situada em uma posição central na política de integração continental, sendo considerada pelo Estado brasileiro como uma nova fronteira econômica.

O cenário mundial vem se modificando nas últimas décadas com a formação de novas regionalizações e blocos econômicos no contexto em que o mercado internacional concentra mais capital e pressiona o campo político para conquistar mais espaço na nova economia, sendo assim, mesmo que os Estados nacionais mantenham a sua função regulatória, a lógica liberalizante do capital norteia as ações, políticas, econômicas e sociais (CASTRO, 2008).

Existem doze países que compõem o IIRSA na América do Sul, com o intuito de integrar a região por meio de investimentos para o desenvolvimento de projetos nas áreas de energia, transportes e comunicações, com a criação de corredores de exportação subsidiados por infraestruturas interligadas, com o objetivo de dinamizar os fluxos comerciais sul-americanos e internacionais. São eles: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela. O conceito de integração produtiva para o IIRSA é considerado como:

**Poder e conflito nas políticas de infraestrutura energética:
análise dos textos de comunicação produzidos no planejamento de hidrelétricas no Oeste do Pará**
Larissa Carreira da Cunha

Conceitualmente, Integração Produtiva pode ser definida como o processo de formação de um mercado regional preferencial e mais amplo, que se beneficia da diversificação das exportações intrabloco e para o conjunto da economia internacional, do aumento das economias de escala e da maior especialização, movido pela reorientação das estratégias empresariais (nacionais ou estrangeiras) que buscam explorar estes mercados ou as novas oportunidades do comércio internacional, através da: integração de cadeias produtivas; aumento do conteúdo de valor agregado; fortalecimento dos encadeamentos produtivos (para trás e para frente); e diversificação do tecido produtivo ou criação de novos setores (IIRSA, 2015)².

Nos investimentos estão previstas obras de pavimentação e interligação de rodovias e ferrovias, hidrelétricas, aproveitamento de recursos naturais, entre outros, com o objetivo de aumentar a competitividade da região nos mercados internacionais.

Nesse cenário, a região do Tapajós no oeste do Pará, possui um papel estratégico para o eixo energia, pois é o local onde está previsto o Complexo Hidrelétrico do Tapajós, sendo duas das cinco usinas planejadas no projeto, já com os estudos de viabilidade e impacto ambiental concluídos. Após o projeto da UHE Belo Monte, que está em fase de obras, a maior aposta do governo brasileiro é na região do Tapajós para a geração de energia hidrelétrica.

Segundo o IBGE em 2010, a bacia hidrográfica do Tapajós, uma das principais sub-bacias da bacia amazônica, possui 764.183 km² com cerca de 1.200.000 pessoas. O rio Tapajós possui 2.000 quilômetros de extensão, forma-se nos rios Juruena e Teles Pires e desaguando na margem direita do rio Amazonas.

Além da atração pela utilização do rio para a produção de energia hidrelétrica, também existe a ocorrência de ouro e outros materiais, situados na província mineral do Tapajós, onde foi criada a reserva garimpeira do Tapajós pelo Ministério de Minas e Energia, em 1983. O início da atividade se consolidou na década de cinquenta, teve o seu auge em sessenta e o início da redução da garimpagem na década de setenta, devido à queda do preço do ouro nos mercados mundiais. Mais recentemente, nos anos de 2001, foram abertas novas frentes de exploração devido ao aumento da cotação do ouro. Além do ouro também existem outras pedras de alto valor comercial, como o diamante (YNOUYE; JÚNIOR; PAVANI, 2014).

Outra frente de investimentos na região do Tapajós é a infraestrutura de escoamento da produção, com a pavimentação da BR-163 e a nova área portuária em Miritituba, na cidade de Itaituba, que contará com nove terminais portuários para atender

² Iniciativa para Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana – IIRSA. Disponível em: <<http://www.iirsa.org>>.

**Poder e conflito nas políticas de infraestrutura energética:
análise dos textos de comunicação produzidos no planejamento de hidrelétricas no Oeste do Pará**
Larissa Carreira da Cunha

as demandas das grandes empresas de *commodities* agrícolas e montadoras industriais da zona franca de Manaus (Ibid., 2014).

Essas pressões antrópicas sobre o meio ambiente na região do Tapajós, podem acelerar o processo de desmatamento e destruição da floresta, como mostra um estudo feito sobre os cenários projetados para a bacia do Tapajós para o ano de 2030 com a implantação do Complexo Hidrelétrico do Tapajós (Ibid., 2004).

O primeiro cenário foi realizado com base no mapa de uso e cobertura da região para o ano de 2000 (PRODES), considerando as seguintes variáveis: distância aos centros urbanos; distância às rodovias; e unidades de conservação. A simulação foi feita para o cenário de 2011, subsidiando as projeções de cenários futuros. Para a construção desse cenário, a projeção foi feita com base nos anos de 2000 a 2011, com a inclusão das estruturas previstas para o Complexo Hidrelétrico do Tapajós, como os reservatórios, as estruturas de barramento e as estradas de acesso. Já o cenário 2 foi feito com base na dinâmica que ocorreu no entorno das obras de Belo Monte, com 225,7 km de raio².

Os grandes projetos de desenvolvimento do governo brasileiro, especificamente a geração hidrelétrica estão envolvidas em uma tensa disputa e conflito entre os conceitos de desenvolvimento e preservação ambiental da região, e não há consenso entre os agentes sobre os impactos que serão causados pelas obras e pela execução.

Dessa forma, constituímos um objeto de pesquisa, por meio da problemática das relações que se estabelecem durante esse processo de planejamento das usinas hidrelétricas previstas para a Bacia do Rio Tapajós, enfocando o processo comunicacional e percebendo o discurso retórico que se constrói com os temas de energia e hidrelétricas.

Fizemos uma pesquisa dos processos comunicacionais estabelecidos pela aplicação da política energética na Amazônia, neste caso, o planejamento do Complexo Hidrelétrico do Tapajós (UHE Tapajós e UHE Jatobá), considerando as lógicas de embate político entre os diversos agentes que atuam nesses processos, como governo/mercado, mídia e as populações locais, diretamente afetadas pela construção das barragens.

Analisamos os processos comunicacionais presentes na etapa de planejamento do Complexo Hidrelétrico do Tapajós, junto aos agentes do campo comunicacional, verificando especialmente as estratégias comunicacionais adotadas pelas empresas que estão diretamente envolvidas com os estudos ambientais e de viabilidade econômica, considerando as mediações do processo e as condições de produção.

Nessa etapa do planejamento em que se encontra o projeto do Complexo Hidrelétrico do Tapajós, na qual foram realizados os estudos de impacto ambiental e

**Poder e conflito nas políticas de infraestrutura energética:
análise dos textos de comunicação produzidos no planejamento de hidrelétricas no Oeste do Pará**
Larissa Carreira da Cunha

viabilidade econômica junto às comunidades locais e na área inventariada para a implementação das usinas, foi implementado em concomitância o projeto de comunicação “Diálogo Tapajós”, pelo Grupo de Estudos Tapajós³ com o objetivo de estabelecer um “diálogo” com a sociedade. A análise das estratégias utilizadas pelo referido grupo para a realização desse projeto, serão vistas no decorrer do trabalho. Para tanto, foi necessário buscar subsídios conceituais que nos permitiram entender as discussões contemporâneas na esfera da comunicação, considerando a presença dos meios de comunicação nas relações sociais, para o entendimento da significação de processo comunicacional.


A RETÓRICA DA ENERGIA LIMPA

O governo brasileiro, bem como o setor empresarial e boa parte da mídia corporativa, busca consolidar a associação dos projetos hidrelétricos ao conceito de energia limpa pelo fato da utilização da água dos rios como matéria-prima na produção de energia. Essa retórica pode ser percebida pelos documentos oficiais e institucionais das instituições da área, por meio das entrevistas com os dirigentes desse setor e também pelas publicações e produções de comunicação veiculadas em grande parte da imprensa. Até no meio científico há grande controvérsia sobre o assunto, com pesquisadores que são defensores da hidrelétrica como vetor de preservação pelo baixo nível de degradação ambiental, e outros que ao contrário, produzem pesquisas que apontam um alto grau de poluição associado aos projetos das usinas.

Podemos ver como há dissenso dentro da própria instituição acadêmica. Na figura abaixo, retirada do portal da Universidade Federal do Pará (UFPA), é ressaltado que há opiniões divididas sobre as hidrelétricas, mas afirma que não há poluição com as usinas, e sim, apenas entraves relativos às questões socioeconômicas e culturais.

³ Formado por nove empresas públicas e privadas, dentre elas a ELETRONORTE e a ELETROBRAS. In: <<http://www.grupodeestudostapajos.com.br>>.

**Poder e conflito nas políticas de infraestrutura energética:
análise dos textos de comunicação produzidos no planejamento de hidrelétricas no Oeste do Pará**
Larissa Carreira da Cunha



Opiniões divididas – Uma vez que as hidrelétricas produzem energia a partir da água, um recurso natural, não há poluição do ambiente, além de que se trata de uma fonte de energia renovável. Em contrapartida, as usinas exigem a construção de barragens, que demandam a inundação de uma grande área ao redor. Sendo assim, fauna, flora e mesmo os rios da região (que sofrem alterações no seu potencial hidráulico e perdas de espécies de peixes, por exemplo) são afetados por esses empreendimentos, que trazem, também, impactos sociais. Comunidades ribeirinhas e indígenas são exemplos de populações que, frequentemente, são obrigadas a migrar de seu local de origem quando uma usina é construída.

Figura 1 – Matéria do portal da UFPA: “As relações entre a água e a energia elétrica”.
Fonte: UFPA (2014).

A matéria exibida na figura 8 deixa espaço para discussão sobre os conflitos sociais e ambientais relativos à fauna, flora e mudanças no rio, mas caracteriza especificamente a questão da poluição ambiental como um consenso, ao afirmar que “*não há poluição do ambiente*”, convergindo para o posicionamento do governo e das empresas.

Ainda sobre campo científico, o pesquisador Alexandre Kemenes do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA) divulgou uma pesquisa que revelou que pelo menos quatro hidrelétricas da Amazônia (Balbina, Tucuruí, Samuel e Curuá-Una) emitem mais equivalentes de carbono (tC)⁴ sobre a potência gerada por hora (MW/h) do que as termelétricas, que são consideradas hoje um dos tipos de usinas que mais poluem o meio ambiente. O destaque foi para a usina de Balbina que resultou em emissões de gases do efeito estufa em uma quantidade dez vezes maior do que uma termelétrica nas mesmas condições. Em artigo, os pesquisadores do INPA alegam que os estudos de inventário brasileiro que determinaram a produção hidrelétrica como mais limpa, foram feitos de forma equivocada.

Segundo a pesquisa, a emissão dos gases-estufa se dá pela decomposição da matéria orgânica das plantas e dos solos terrestres alagados pelo reservatório, contribuindo diretamente para o aumento do aquecimento global no planeta, como vemos na figura abaixo.

⁴ Unidade que considera o dióxido de carbono (CO₂) e o gás metano (CH₄).

Poder e conflito nas políticas de infraestrutura energética:
análise dos textos de comunicação produzidos no planejamento de hidrelétricas no Oeste do Pará
Larissa Carreira da Cunha

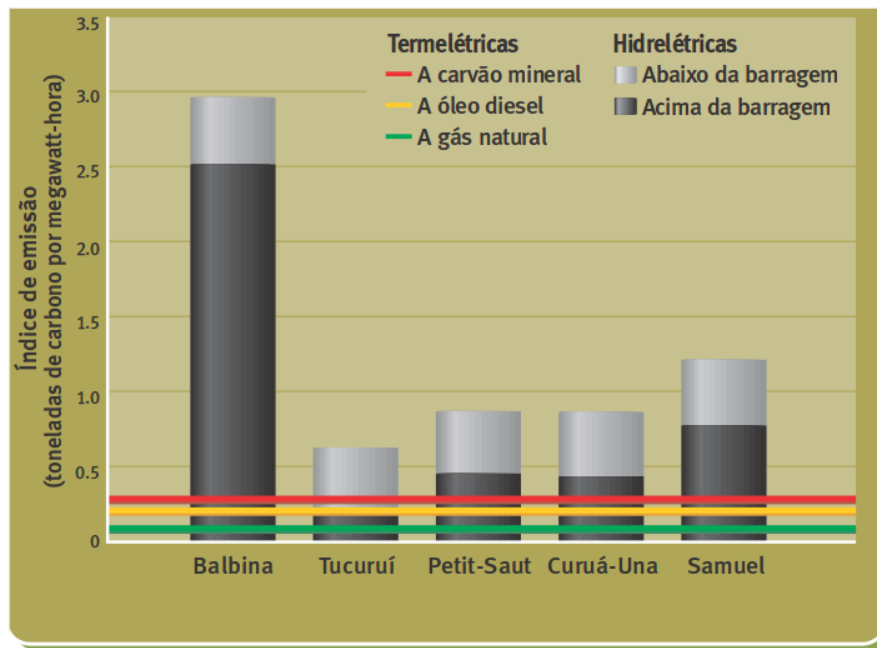


Figura 2 – Índices de emissões de gás carbônico e metano.
Fonte: INPA (2007).

Apesar de o trabalho ter sido realizado por um respeitado instituto de pesquisa do país, houve grande repercussão e contra-argumentação por parte das instituições do setor. Com isso, a ELETROBRAS divulgou um novo estudo realizado pelo Centro de Pesquisas de Energia Elétrica (CEPEL), no âmbito do projeto BALCAR, no qual as hidrelétricas analisadas tiveram uma taxa de emissão de gás carbônico abaixo da média das emissões das usinas a carvão e a gás. Essas divergências foram noticiadas em vários veículos de comunicação corporativos e institucionais, como na manchete “*Eletrobras desmente que hidrelétricas tropicais sejam mais poluentes*”⁵, demonstrando o conflito forte sobre o conceito.

OS PROJETOS HIDRELÉTRICOS DE JATOBÁ E SÃO LUIZ DO TAPAJÓS

Nos últimos três anos, foram realizados estudos sobre os projetos das usinas São Luiz do Tapajós (próximo à cidade de Itaituba) e Jatobá (entre as cidades de Jacareacanga e Itaituba) por meio do “Grupo de Estudos Tapajós”, composto pelas seguintes empresas: ELETROBRAS, ELETRONORTE, EDF, Camargo Corrêa, Cemig, Copel, GDF SUEZ, Endesa Brasil e Neoenergia, sob coordenação da primeira. O grupo possui o objetivo de realizar os estudos de viabilidade técnica e econômica (EVTE) e impacto ambiental (EIA/Rima) das referidas usinas para posterior entrega dos estudos à Agência Nacional de

⁵ Matéria publicada no site “Alerta em rede”. Disponível em <<http://www.alerta.inf.br/eletrobras-desmente-que-hidreletricas-tropicais-sejam-mais-poluentes?>>.

**Poder e conflito nas políticas de infraestrutura energética:
análise dos textos de comunicação produzidos no planejamento de hidrelétricas no Oeste do Pará**
Larissa Carreira da Cunha

Energia Elétrica (ANEEL) e ao IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), respectivamente.

Os projetos das hidrelétricas São Luiz do Tapajós e Jatobá, integrantes do Complexo Hidrelétrico do Tapajós, passaram recentemente pela fase de estudos de viabilidade (técnica, econômica e ambiental). O planejamento das usinas definiu a localização dos empreendimentos próximos aos municípios de Itaituba, Jacareacanga e Trairão. A soma da potência dos dois projetos alcança mais de 8.000 MW: UHE São Luiz do Tapajós (6.133 MW) e UHE Jatobá (2.338 MW).

Ambas usinas estão planejadas pelo conceito de usina-plataforma, que é inspirado no funcionamento das plataformas de petróleo em alto-mar, com o intuito de minimizar os impactos ambientais causados pela obra, conforme o conceito da ELETROBRAS:

A ideia é que essas usinas sejam cercadas de floresta por todos os lados. Durante a construção, as equipes de funcionários se revezarão em turnos, como acontece nas plataformas de petróleo, e não haverá grandes canteiros de obras associados a vilas de trabalhadores. Quando as obras chegarem ao fim, o canteiro será totalmente desmontado e será promovido um reflorestamento radical do local. Durante a fase de funcionamento da hidrelétrica, o trabalho por turnos continuará, com os trabalhadores sendo transportados para o local por helicóptero ou por terra. Boa parte da operação será automatizada e a estrada de acesso à usina será controlada para evitar o surgimento de vilas e cidades no seu entorno (ELETROBRAS, 2015, s.p.)⁶.

Esse conceito foi lançado pela primeira vez no projeto do Complexo Hidrelétrico do Tapajós. A UHE São Luiz do Tapajós, prevê a formação de um lago de 722,25 km², com uma queda de 35,9 m e geração de 25.548.795 MW/ano. Já nos dados do projeto da UHE Jatobá o alagamento de uma área de 646,3 km², com queda de 16m e geração de 11.264.484 MW/ano⁷.

Durante a fase de estudos, o grupo criou um projeto de comunicação intitulado 'Diálogo Tapajós' com o objetivo de disseminar as informações sobre os projetos hidrelétricos e promover o “diálogo em um processo inclusivo”⁸ (Grupo de Estudos Tapajós, 2013) entre as populações locais (Jacareacanga, Itaituba, Vila Pimental, entre outras) e as empresas, conforme podemos observar na afirmação extraída do site do projeto: “*Esse projeto promove, ao longo dos estudos, um processo dialógico e inclusivo de comunicação com*

⁶ Informação retirada do site da ELETROBRAS. Disponível em: <<http://www.eletrobras.com/ELB/natrilhadaenergia/main.asp?View={C93EAB45-F64F-42C5-8E52-C30EF9341BBE}>>.

⁷ Informação retirada da cartilha “Um novo conceito em hidrelétricas” da ELETROBRAS. Disponível em: <https://docs.google.com/file/d/0B8wNLFC5yN3INzdiZTM4NWYtYzUyMS00YzAwLW14OTktYmVkJnWQxNjdkNGRh/edit?hl=pt_BR&pli=1>.

⁸ Trecho retirado da descrição do projeto.

**Poder e conflito nas políticas de infraestrutura energética:
análise dos textos de comunicação produzidos no planejamento de hidrelétricas no Oeste do Pará**
Larissa Carreira da Cunha

*as populações e instituições interessadas*⁹.

O projeto de comunicação em execução, realiza atividades nos municípios de Jacareacanga, Itaituba, Trairão e nas comunidades da região, por meio de ações como reuniões, entrega de materiais de divulgação dos projetos e encontros entre representantes das empresas (equipes de campo) com as populações locais, as quais estão pescadores, garimpeiros, donas de casa e pequenos agricultores. São distribuídos materiais de comunicação impressos como folders, cartilhas, relatórios, cartazes, postais, além da execução de programas de rádio, e dos produtos digitais como o blog e o site na web.

O Diálogo Tapajós possui dois escritórios na região do Oeste do Pará, um fica localizado na cidade de Itaituba e o outro na cidade de Jacareacanga, e as ações da equipe estão sendo realizadas nesses dois municípios, além de Trairão (PA), principalmente nas vilas de pescadores e nas comunidades ribeirinhas, localizadas nas margens dos rios. As comunidades indígenas não estão dentro do escopo do projeto de comunicação, sendo que estão sendo realizados estudos de impacto ambiental em algumas áreas como: Terra indígena Praia do Mangue, Terra indígena Praia do Índio, Área 43, Pimental, São Luiz do Tapajós e comunidade Boa Fé (Aldeia Nova), entre outras.

É interessante notar que o grupo, composto por empresas públicas e privadas diretamente interessadas economicamente com os projetos das usinas, produz uma diversidade de meios de comunicação impressos e eletrônicos buscando repassar informações pertinentes à população local de acordo com os interesses e pelo enfoque das suas integrantes. O público-alvo dessas mídias institucionais são as comunidades locais dos municípios da região do Tapajós, porém, mais especificamente aqueles que terão que mudar de residência ou de atividade de trabalho por conta da execução da obra.

Além do esforço de comunicação direcionado às comunidades locais, o GET também utiliza os meios de comunicação massivos da região como rádio e tv para a propagação das suas informações, incluindo ondas AM que possuem um alcance em localidades bem distantes dos municípios polo.

4. Análise dos textos do planejamento do projeto de construção de hidrelétricas no Tapajós

O Grupo de Estudos Tapajós através do projeto “Diálogo Tapajós” produziu diversos materiais de comunicação que são distribuídos nas comunidades que serão

⁹ Grupo de Estudos Tapajós. Acessado em 30 de janeiro de 2014. Disponível em: <<http://www.grupodeestudostapajos.com.br/pt/>>.

**Poder e conflito nas políticas de infraestrutura energética:
análise dos textos de comunicação produzidos no planejamento de hidrelétricas no Oeste do Pará**
Larissa Carreira da Cunha

afetadas, caso as hidrelétricas sejam construídas. Foram realizadas palestras, com apresentação de vídeos e informações sobre os conceitos e funcionamento dos projetos, e distribuídas cartilhas impressas. O público pode fazer perguntas e tirar dúvidas sobre o projeto abordando a lógica empresarial, mas não há possibilidade de reivindicações ou tomada de posição, pois é informado que isso deve ser feito em momento posterior, durante as audiências públicas.

Também são realizadas palestras em escolas e universidades públicas das cidades polo da região, para o público de estudantes e professores. Foram feitas reuniões com representantes do poder local como prefeitos, secretários e vereadores. Em contraposição, os movimentos sociais reunidos com os indígenas também produzem materiais de comunicação em menor escala e realizam ações de mobilização em defesa do rio, contra as usinas.

A análise dos textos veiculados pela equipe do projeto 'Diálogo Tapajós', dentre outros materiais de comunicação, possibilita visualizarmos alguns conceitos e retóricas que buscam justificar e compor a linha argumentativa dos conteúdos. São elas: *desenvolvimento do país, sustentabilidade, meio ambiente, energia limpa, geração hidrelétrica, energia sustentável, segurança energética, vocação do país*. Na matéria de boas vindas do Blog 'Usinas do Tapajós', podemos evidenciar essa estrutura que permeia os demais conteúdos multimídia divulgados, destacando algumas categorias norteadoras das publicações, conforme podemos observar na figura abaixo.

09/08/2013 | 09:00

Bem-vindo ao blog Usinas do Tapajós

Este é o blog Usinas do Tapajós. Um espaço criado para apresentar os mais variados conteúdos sobre geração hidrelétrica, energia limpa, sustentabilidade e meio ambiente, a partir dos projetos previstos para a região do Rio Tapajós, no Pará.

Nós acreditamos ser importante que você conheça a fundo o processo de implantação de uma usina hidrelétrica, principalmente neste momento, quando o Brasil discute como garantir o suprimento de energia limpa e sustentável. Por isso, acompanhar o processo de licenciamento ambiental das usinas São Luiz do Tapajós e Jatobá é fundamental para desmistificar as discussões sobre a opção hidrelétrica, uma vocação natural do país, e compreender melhor por que ela é uma energia limpa e renovável.

O blog pretende trazer informações diretas e objetivas para a população sobre como a construção de usinas hidrelétricas ajudam a desenvolver o Brasil, bem como informações que permitirão a cada brasileiro melhorar a sua relação diária com a eletricidade, inclusive como utilizá-la de maneira racional e eficiente.

Seja bem-vindo e volte sempre.




Figura 3 – Matéria “Bem-vindo ao Blog Usinas do Tapajós”.

Fonte: Diálogo Tapajós (2013).·.

**Poder e conflito nas políticas de infraestrutura energética:
análise dos textos de comunicação produzidos no planejamento de hidrelétricas no Oeste do Pará**
Larissa Carreira da Cunha

Nos diversos materiais de comunicação produzidos pelo Grupo de Estudo Tapajós, conseguimos visualizar a construção de um argumento sobre necessidade de construção de hidrelétricas na Amazônia, e especificamente na região do Tapajós, que se baseia no objetivo de promover o desenvolvimento econômico de todo o país, garantindo assim a oferta de energia capaz de atender a demanda necessitada, industrial e residencial. Para tanto, o GET lançou mão de estratégias discursivas que positivam a construção das usinas, destacando dados que apoiam o argumento central.

POR QUE CONSTRUIR HIDRELÉTRICAS?

O desenvolvimento econômico e social do país exige a ampliação da geração de energia elétrica. É previsto que entre 2012 e 2021 seja necessário um crescimento médio da capacidade instalada de 5.600 MW ao ano.

É possível atingir essa meta combinando o uso de diversas formas de gerar energia, como a hidráulica, a térmica, a termonuclear, a solar e a eólica (do vento).

A geração de energia por meio das usinas hidrelétricas tem sido a fonte renovável mais utilizada no Brasil, pois o país tem enorme quantidade de água em movimento nos rios, domina a tecnologia de construção dessas usinas e elas produzem energia em grande quantidade pelo menor custo monetário.

Além disso, a integração da geração hidrelétrica ao Sistema Interligado Nacional (SIN) aproveita o regime de águas das bacias hidrográficas brasileiras. No período de estiagem nas regiões sul e sudeste, a transmissão interligada se encarrega de trazer energia das regiões norte e nordeste; e na época em que há estiagem mais ao norte e nordeste, o sul e sudeste suprem o sistema com energia.

A Hidrelétrica São Luiz do Tapajós, prevista quando foi realizado o Inventário da Bacia do Rio Tapajós, no estado do Pará, ampliaria esse sistema integrado e poderia contribuir para fornecer uma parte significativa da energia necessária ao país.

Figura 4 – Box “Por que construir hidrelétricas?”.
Fonte: Diálogo Tapajós (2014).

A figura mostra um box retirado do folder “Aproveitamento Hidrelétrico do Tapajós: estudos de viabilidade”, que dentre outras coisas, identifica o mapa onde deverá ser construída a usina São Luiz do Tapajós, um esquema de como funciona o reservatório, a necessidade dos estudos, as etapas de implementação e o cadastro socioeconômico. No box sobre “Por que construir hidrelétricas?”, podemos perceber como o argumento da positividade na implementação dos projetos de barragens no Rio Tapajós é construído.

Analisando a construção do argumento do material, de acordo com Liakopoulos (2002), podemos destacar como proposição central a exigência da ampliação da energia elétrica para o desenvolvimento econômico e social do país. Os dados que estão

**Poder e conflito nas políticas de infraestrutura energética:
análise dos textos de comunicação produzidos no planejamento de hidrelétricas no Oeste do Pará**
Larissa Carreira da Cunha

relacionados com a proposição central do argumento são: a previsão da necessidade do crescimento médio da capacidade instalada até 2021; e o uso de diversas formas de gerar energia. Ambos se referem à proposição central de ampliação da oferta.

Outro dado é o destaque feito à produção de energia por meio de usinas hidrelétricas como fonte renovável mais utilizada no Brasil, colocado como uma evidência que também se relaciona à proposição central. Como garantias desse último dado, ou seja, premissas que legitimam os dados, são destacadas a enorme quantidade de águas dos rios, o domínio da tecnologia na construção de usinas e o custo benefício dos projetos. A referência à integração da geração hidrelétrica ao sistema interligado nacional (SIN) é outro dado que apoia a ampliação da energia elétrica, mas na mesma linha do último, faz referência à hidroeletricidade.

A criação da usina hidrelétrica São Luiz do Tapajós como forma de contribuir para a ampliação do fornecimento da energia necessária ao país, também é estruturada como uma proposição ligada à proposição central. Podemos verificar a estrutura do argumento conforme o quadro abaixo.

Quadro 1 – “Por que construir hidrelétricas?”: representação dos argumentos.

Dados	Proposições
<p>É previsto a necessidade do crescimento da capacidade de geração de energia. O uso de diversas formas de energia pode contribuir para a geração de energia. Produção de energia hidrelétrica tem sido a fonte mais utilizada.</p>	<p>O desenvolvimento econômico e social exige a ampliação da geração de energia. (proposição central).</p> <p>A construção da usina de São Luiz do Tapajós poderia contribuir para fornecer parte da energia necessária ao país. (proposição)</p>
Garantias	
<p>O Brasil tem enorme quantidade de águas nos rios. Domínio da tecnologia de construção de usinas hidrelétricas. Produção de energia em grande quantidade pelo menor custo monetário.</p>	

Fonte: Elaboração própria (2014).

O box extraído do folder que contém informações sobre São Luiz do Tapajós, constrói o argumento com base na necessidade de geração de energia para todo o país, inserindo um projeto “local” em um contexto nacional e a base da discussão é o desenvolvimento econômico. Essa linha argumentativa está presente em outros conteúdos do Diálogo Tapajós que buscam outras características para apoiar o conceito central, como veremos a seguir.

10/12/2013 | 17:00

Desenvolvimento exige expansão da oferta de energia

Existe uma relação direta entre energia e melhora da qualidade de vida, revelou o professor e pesquisador sênior do Gesel (Grupo de Estudo do setor de Energia Elétrica), da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Guilherme Dantas. Por isso, quando há um debate acirrado, e nem sempre iluminado, sobre a construção da Usina de Belo Monte, ele propõe que se faça a seguinte pergunta: "Estamos satisfeitos com o nosso nível de desenvolvimento socioeconômico?". Se a resposta for negativa, "vamos precisar de mais energia", diz.

Figura 5 – Matéria do Blog "Desenvolvimento exige expansão da oferta de energia".
Fonte: Diálogo Tapajós (2013).

Em outra matéria publicada no blog 'Usinas do Tapajós', a linha argumentativa continua vinculando o desenvolvimento com a geração de energia, sendo o primeiro posto como consequência do segundo. A proposição central se mostra a partir do título, podendo ser entendida como a necessidade da oferta de energia para o desenvolvimento. Para apoiar o argumento é utilizada a categoria 'qualidade de vida' que é destacada em relação direta com a geração de energia. O texto se constitui de forma a positivar os projetos hidrelétricos pelo seu potencial de geração de energia, e minimizar a discussão feita a cerca dos impactos ambientais. A implicação (RODRIGUES, 2007) das questões ambientais, neste caso, tem o objetivo de pontuar a discussão, mas sem dar enfoque ou importância que gere reflexão.

A discussão sobre os impactos ambientais das grandes barragens se dá apenas pela comparação das emissões de CO² por fontes de energia (hidrelétrica, eólica, gás, óleo e carvão), na qual é criada uma conotação de impacto reduzido pelos projetos de usinas, e mesmo assim essa linha de pensamento é criticada por diversas literaturas da atualidade (FEARNSIDE, 2004). Com a implicação da discussão ambiental, o enfoque principal é voltado para o aumento do nível de desenvolvimento socioeconômico através da produção de energia hidrelétrica.

É interessante notar que o texto não se refere diretamente as usinas do Tapajós, mas na passagem: "*Se não for Belo Monte, há alternativas?*"; precedido da discussão sobre os impactos ambientais do CO², sugere de forma implícita a importância das hidrelétricas de São Luiz do Tapajós e Jatobá para o argumento central de desenvolvimento econômico do país, revelando mais uma vez a estratégia de criar os processos de inferência por implicação (RODRIGUES, 2007).

**Poder e conflito nas políticas de infraestrutura energética:
análise dos textos de comunicação produzidos no planejamento de hidrelétricas no Oeste do Pará**
Larissa Carreira da Cunha

Nos últimos parágrafos, a matéria cita a participação do entrevistado no seminário “As hidrelétricas na Amazônia e o meio ambiente”, promovido pelo jornal GGN¹⁰, destacando que a principal conclusão que os participantes do referido evento chegaram foi a deficiência na comunicação entre governo, empresas e pesquisadores com a sociedade, afirmando ainda que o caminho deve ser “*a disseminação de informações corretas e de qualidade*”. Esse destaque para a precariedade da comunicação entre os agentes no último parágrafo da matéria, é utilizado como estratégia para legitimar a ação do projeto de comunicação criado pelo Grupo de Estudos Tapajós, que busca a autorreferencialidade da sua importância em relação à sociedade e principalmente as comunidades locais que deverão ser afetadas. A estratégia então é afirmar a importância e os benefícios das ações do projeto de comunicação 'Diálogo Tapajós' para a sociedade, de forma que os objetivos e benefícios do projeto para as empresas são omitidos.

Ao clicar na matéria da figura é indicada ao leitor a visualização de uma lista de 'vantagens das hidrelétricas' que se constitui de um documento elaborado pela ELETROBRAS que possui a mesma linha de discurso deliberativo de convencer sobre uma ação futura quando destaca que “*as usinas hidrelétricas são uma opção sustentável para garantir a energia de que o país precisa para crescer*”, buscando credibilidade pela assinatura da ELETROBRAS. A lista que se segue com as vantagens tem um estilo direto e objetivo, com informações resumidas mais na forma jornalística do que científica para prender a atenção do leitor com as quantidades de itens destacados.



Figura 6 – Matéria de destaque do Blog: “Energia limpa para hoje e amanhã”.
Fonte: Diálogo Tapajós (2013).

¹⁰ A referida matéria foi produzida pelo jornal GGN e replicada no Blog 'Usinas do Tapajós'

**Poder e conflito nas políticas de infraestrutura energética:
análise dos textos de comunicação produzidos no planejamento de hidrelétricas no Oeste do Pará**
Larissa Carreira da Cunha

Busca-se consolidar o conceito de energia limpa nas hidrelétricas através da composição de um discurso que possui uma conotação de preservação do meio ambiente, como nas passagens da listagem sobre 'as vantagens das hidrelétricas', que afirmam que as hidrelétricas: *“contribuem para manter mais puro o ar que respiramos – as hidrelétricas não produzem poluentes do ar nem geram subprodutos tóxicos”; e *“ajudam a combater as mudanças climáticas – estudos recentes vêm mostrando que reservatórios de hidrelétricas podem absorver gases do efeito estufa”*. A estratégia discursiva aqui se refere à credibilidade do autor, neste caso a ELETRONORTE, que tenta legitimar o seu argumento através de outro campo, o científico, ao se referirem à produção de estudos que evidenciam o argumento pretendido.*

Vale notar ainda que no canto superior direito da figura, existem três opções de idiomas para escolha do internauta, o inglês, o português e o espanhol. Se o público principal do 'Diálogo Tapajós' é composto pelas comunidades ribeirinhas que serão afetadas pela construção das usinas e instituições interessadas (da região), poderíamos dizer que faltou um senso de *phronesis* (LEACH, 2002), que significa a conveniência de um texto ou material persuasivo específico, considerando que praticamente a totalidade dos moradores das comunidades e dirigentes da região são brasileiros e falam somente o português, então a estratégia de traduzir o site e o blog para outros idiomas, evidencia a meta de legitimar o discurso positivo das construções de hidrelétricas na Amazônia para públicos de outros campos em âmbito internacional, como ONG's, governos e a mídia.

A produção de energia através de hidrelétricas na Amazônia, não é uma pauta da região Amazônica e sim nacional inserida em uma lógica internacional. O Brasil está inserido em um jogo do mercado internacional onde a energia possui um papel primordial como matéria-prima da indústria de bens de capital, sendo o mercado mundial do alumínio um requerente fundamental dessa demanda (CICCANTTEL, 2005). Por isso a estratégia em publicizar o projeto de comunicação para além do local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos textos de comunicação do Grupo de Estudos Tapajós (Matérias jornalísticas e artigos), das entrevistas com os agentes do campo e dos materiais desenvolvidos pelos movimentos sociais, percebemos a configuração de um campo de força em permanente disputa pelos projetos hidrelétricos no rio Tapajós, seja pela sua legitimação ou negação. Para a produção dos sentidos sobre o Complexo Hidrelétrico, o poder simbólico (BOURDIEU, 1989) é exercido mediante a acumulação do capital

**Poder e conflito nas políticas de infraestrutura energética:
análise dos textos de comunicação produzidos no planejamento de hidrelétricas no Oeste do Pará**
Larissa Carreira da Cunha

simbólico, que neste caso se trata do capital comunicacional, permitindo que um grupo de agentes (empresas) tenha maior influência no campo sobre outros grupos de agentes (movimentos sociais, ribeirinhos, indígenas e demais grupos).

Assim, fica evidente que as empresas do GET e o Estado (Governo Federal) possuem um grande capital comunicacional e também capital financeiro que subsidia a produção do sentido positivo sobre a construção das UHE São Luiz do Tapajós e UHE Jatobá. Os argumentos utilizados estão direcionados a dimensões territoriais e públicos distintos, e a difusão dos conteúdos possui uma abrangência muitas vezes maior do que o conseguido pelos demais agentes do campo. Para isso são utilizadas estratégias de compartilhamento de conteúdo entre as empresas, o governo e outras mídias corporativas, possibilitando a divulgação dos conteúdos entre os seus canais de comunicação. Então uma notícia sobre 'benefícios das hidrelétricas na Amazônia' que é veiculada no site *Canal Energia*¹¹, por exemplo, é replicada no site e/ou blog do Diálogo Tapajós.

Além do poder simbólico, essa aliança é possível pelo poder político e financeiro das empresas, que apesar de autônomas no campo, possuem forte relacionamento harmonioso e parceiro com o governo federal, evidenciado através da convergência entre o discurso de ambos, no qual prevalece a segurança energética para o desenvolvimento econômico do país, em detrimento das minorias (comunidades locais e indígenas), que mesmo assim são colocados em um contexto de melhoria de vida após a instalação dos projetos, como resumido no trecho de um artigo do Blog 'Usinas do Tapajós': *“estamos diante de um projeto que poderá atender 20 milhões de residências, contribuir para o desenvolvimento econômico do país e assegurar vida digna a milhões de brasileiros”*¹².

O custo alto feito para viabilizar o projeto 'Diálogo Tapajós' demonstra o poder financeiro das nove empresas associadas ao GET, com despesas de contratação de pessoas jurídicas de São Paulo (produtoras e agências de publicidade) para a criação e produção de todos os materiais de comunicação utilizados nas ações. A montagem de dois escritórios locais em Itaituba e Jacareacanga, com a contratação de vários membros das equipes, e as ações de visitação nas comunidades, também demonstram um alto capital financeiro injetado no projeto para atender a fase dos estudos.

Em contraposição, as ONG's com os movimentos sociais têm pouco capital comunicacional, e necessitam sempre de apoio financeiro para a produção de materiais de comunicação, além do alcance das suas produções ser bem mais restrito territorialmente do

¹¹ Disponível em <<http://canalenergia.com.br>>.

¹² Trecho do artigo “Hidroeletricidade no Brasil: caso UHE Tapajós”, publicado no Blog 'Usinas Tapajós' em 2014.

**Poder e conflito nas políticas de infraestrutura energética:
análise dos textos de comunicação produzidos no planejamento de hidrelétricas no Oeste do Pará**
Larissa Carreira da Cunha

que dos agentes dominantes, mesmo que hajam materiais divulgados na internet. E como tática para enfrentar o conflito com a produção dos sentidos positivos dos agentes empresariais, vários movimentos sociais também se reúnem em grupos, como a *Aliança Tapajós*, que permite uma maior força para a mobilização das ações e produção de materiais de comunicação como as cartilhas.

Percebemos que o conflito entre as afirmações dos conceitos dos agentes se dá de forma relacional, através da divergência, convergência ou indiferença aos sentidos produzidos no campo e, no caso dos movimentos sociais, essa tomada de posição em relação aos conceitos fabricados pelos agentes dominantes é utilizada como tática para o enfrentamento do conflito.

Então, enquanto os agentes empresariais afirmam que o novo conceito de usina-plataforma para a construção das hidrelétricas será um vetor de preservação ambiental, os movimentos sociais rechaçam essa proposta caracterizando o povo do Tapajós como “cobaias” de uma experiência que nunca foi testada. Outro exemplo é sobre as visitas às comunidades locais pelas equipes do 'Diálogo Tapajós', que para o agente empresarial é uma ação dialógica e inclusiva, com troca de informações e comunicação entre o projeto e os moradores das vilas. Porém, a representação feita pelos agentes dos movimentos sociais, sobre as palestras e reuniões simboliza apenas transmissão de informação e imposição de decisões já tomadas pelos representantes do governo.

Taticamente a escolha dos conteúdos produzidos pelos movimentos sociais é feita com base nas pautas definidas pelos agentes empresariais, mostrando o embate de significados em cada categoria disposta no campo comunicacional.

O poder político do agente empresarial, dominante no campo, estabelece-se pela convergência com o discurso governamental e o objetivo fim, que é a construção do Complexo Hidrelétrico do Tapajós. Essa relação fortalece as empresas politicamente e legitima o seu trabalho. Além disso, vale destacar que dentro do grupo formado pelas empresas do GET, estão duas empresas públicas, sendo uma delas a coordenadora do grupo.

Para a sociedade brasileira (público geral) situada em 'todo' o Brasil (dimensão nacional) o discurso das empresas e do governo se constitui da necessidade de suprimento da demanda futura de energia para o desenvolvimento econômico do país, sendo um desenvolvimento sustentável, utilizando uma tecnologia que o país domina (usinas hidrelétricas), contribuindo para a geração de energia limpa, com preservação da natureza, atendendo a indústria, mas principalmente a necessidade residencial, em um processo

**Poder e conflito nas políticas de infraestrutura energética:
análise dos textos de comunicação produzidos no planejamento de hidrelétricas no Oeste do Pará**
Larissa Carreira da Cunha

dialógico e de respeito aos direitos das minorias, realizado em uma região rica e abundante de riquezas naturais inesgotáveis e sem a presença humana ('vazio humano'). Com esses argumentos em uma construção ora emotiva, ora racional, busca-se o apoio para a ação futura da construção das usinas no Tapajós, desde a fase dos estudos.

Já com relação ao grupo de agentes que representam as comunidades locais, diferentemente dos indígenas e ONG's o capital comunicacional é ainda mais baixo, sendo que este é um dos grupos que mais sofre efeitos do campo, já que são o público prioritário do 'Diálogo Tapajós'. Esse grupo de agentes, que chamaremos aqui de agentes comunitários, recebe a informação do projeto, ressignifica e até cria táticas para se posicionar melhor no campo, quando alcança meios materiais para produzir e veicular a sua comunicação de forma articulada e organizada. Como exemplo de ação tática foi a criação de demandas e reivindicações por melhorias dos moradores da vila de São Luiz do Tapajós, escritas em uma carta coletiva e entregue ao Ministério Público de Santarém que acompanha os projetos.

Então com o aumento substancial da notoriedade da comunidade, por conta dos projetos das usinas, os moradores decidiram pautar as suas reivindicações por melhoria de vida, mas não como processo integrante dos estudos socioeconômicos, e sim de forma independente, mas, aproveitando taticamente a oportunidade vislumbrada, ou seja, sem aceitação de possíveis compensações.

Destacamos que a positivação dos conceitos sobre desenvolvimento e sustentabilidade alocados nos discursos sobre o planejamento das hidrelétricas, produzidos pelas empresas através do projeto Diálogo Tapajós e também pelo discurso do governo federal, constantemente minimiza e até mesmo ignora, em muitos casos, diversos estudos científicos elaborados por acadêmicos reconhecidos da área, a respeito das degradações ambientais provocadas pela implantação de grandes centrais hidrelétricas, especialmente na Amazônia, bem como todos os impactos sociais e culturais produzidos em projetos anteriores.

Após análise e reflexão do intenso conflito existente ainda na fase de planejamento do projeto do complexo hidrelétrico do Tapajós, envolvendo diversos agentes, percebe-se que a comunicação enquanto campo de disputa exerce um papel estratégico na disputa pela formação de opinião na esfera pública¹³ midiaticizada. As relações de poder nesse campo são desiguais por conta da desigualdade de capital econômico e comunicacional entre os

¹³ A esfera pública pode ser descrita como uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões; nela os fluxos comunicacionais são filtrados e sintetizados, a ponto de se condensarem em opiniões públicas enfiadas em temas específicos (HABERMAS, 1997).

**Poder e conflito nas políticas de infraestrutura energética:
análise dos textos de comunicação produzidos no planejamento de hidrelétricas no Oeste do Pará**
Larissa Carreira da Cunha

agentes. Para alcançar melhores posições dentro do campo em disputa, o planejamento das hidrelétricas, e aumentar o poder simbólico dos agentes dominados, é necessária uma planejada e contínua instrumentalização dos movimentos sociais, ribeirinhos e indígenas para que haja uma maior produção de comunicação comunitária de forma autônoma, na qual os próprios agentes poderão ter mais espaço na esfera pública para produzir a informação de acordo com cada grupo de agentes e assim, haver um maior equilíbrio de poder e uma contra-informação às empresas na produção da opinião pública sobre os projetos de infraestrutura energética no oeste do Pará.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. O campo econômico. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 119, p. 48-66, set. 1997. Tradução de Suzana Cardoso; Cécile Raud-Mattedi. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1930/1697>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

BRASIL. Ministério de Minas e Energia. **Emissões de Gases de Efeito Estufa em Reservatórios de Centrais Hidrelétricas**. CIP – Brasil. Rio de Janeiro.

CASTRO, E. M. R. de. A Amazônia e seu lugar central na integração sul-americana. In: NASCIMENTO, D. M. **Relações internacionais e defesa na Amazônia**. Belém: NAEA, 2008. p. 21-45.

_____. Dinâmica socioeconômica e desmatamento na Amazônia. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 8, n. 2, p. 5-39, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/51/53>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

CICCANTEL, P. Globalização e desenvolvimento baseado em matérias-primas: o caso da indústria do alumínio. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 8, n. 2, p. 41-72, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/52/48>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

HABERMAS, J. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

KEMENES, A. **Estimativa das emissões de Gases de efeito estufa (CO₂ e CH₄) pela hidrelétrica de Balbina, Amazônia Central, Brasil**. 2006. 96 f. Tese (Doutorado em Ecofisiologia, Ictiologia, Mamíferos aquáticos, Recursos pesqueiros, Aquacultura, Sistemática e Biol.) – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2006.

**Poder e conflito nas políticas de infraestrutura energética:
análise dos textos de comunicação produzidos no planejamento de hidrelétricas no Oeste do Pará**
Larissa Carreira da Cunha

LIAKOPOULOS, M. Análise argumentativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LEACH, J. Análise retórica. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

RODRIGUES, A. D. **Estratégias da Comunicação**. Questão comunicacional e formas de socialidade. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

_____. Processos cognitivos e estratégias de comunicação. **Revista do Centro de Estudos Judiciários**, n. 7, p. 191-214, jul./ago. 2007.

Sites consultados:

Blog “Usinas do Tapajós”. Disponível em: <<http://www.usinasdotapajos.com.br/>>. Acesso em: 22 set. 2014.

Grupo de Estudos do Tapajós. Diálogo Tapajós. Disponível em: <<http://www.grupodeestudostapajos.com.br>>. Acesso em: 17 jan. 2014.

Portal da UFPA. UFPA em séries. Disponível em <<http://www.portal.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=8862>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

Recebido para avaliação em 01/03/2016
Aceito para publicação em 30/05/2016